

RIBEIRO, MARGARIDA CALAFATE; VECCHI, ROBERTO.
(ORG.). ANTOLOGIA DA MEMÓRIA POÉTICA DA GUERRA
COLONIAL. PORTO: EDIÇÕES AFRONTAMENTO, 2011. 646 P.

ANTOLOGIA DA MEMÓRIA POÉTICA DA GUERRA COLONIAL

Sabrina Sedlmayer*
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Em toda antologia mora uma tensão: a impossibilidade de uma escolha totalizadora e objetiva da produção literária de um determinado recorte – seja ele um país, época, espaço, assunto, geração, grupo ou estilo – junto à necessidade, mesmo que precária e contingente, de se efetuar uma amostra representativa e exemplar, capaz de vencer distâncias culturais, espaciais e temporais. Na tentativa de selecionar e julgar, ou de salvar o passado no presente, algumas edições são mais bem-sucedidas que outras. Como paradigmas, podemos recuperar os nomes de alguns antologistas como os de Cecília Meireles, Jorge de Sena, Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade, autores que marcaram a história dos livros com as respectivas escolhas críticas no Brasil, Portugal e África.

Numa espécie de linhagem que eticamente toma a modalidade antológica como “memorial de muitos nomes unidos em único nome”, a edição intitulada *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*, organizada por Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, lançada no final de 2011, se insere. Todo o livro parece ter sido elaborado como resistência diante do silêncio da guerra que envolveu, dolorosamente, Portugal e as colônias Moçambique, Guiné-Bissau e Angola, entre os anos de 1961 a 1974. A introdução, o posfácio, as notas biográficas, os índices, as imagens e as suas legendas, todos esses elementos são imbuídos de pendor teórico e reflexivo de quem confia na tarefa da transmissão, na partilha de uma memória. Trabalhar o luto e ontologizar os restos. Pensar na guerra, lembrar da guerra, nos seus deveres, no cotidiano, para, então, construir uma memória da guerra, como bem esclarecem os organizadores:

Nesta linha, tratamos o poema como “material” e “modo” de fundação de uma poética de restos – de gente, de impérios – ou de perdas, cuja reconstrução se executa pelo texto poético que exhibe como a Guerra Colonial foi para todos um percurso de perdas: perda da juventude, da família, da inocência, da vida, resumida na perda do mundo anterior à guerra para aqueles que foram obrigatoriamente convocados não manifestando qualquer apoio ideológico à guerra; perda do país, da vida, da família, da normalidade para aqueles que politicamente optaram pela deserção ou pelo exílio; perda da nação para aqueles que lutavam convictamente¹

* sabrina.sedlmayer@gmail.com

¹ RIBEIRO; VECCHI. *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*, p. 25.

Ambos autores possuem um percurso de pesquisa anterior a esta publicação na qual a atenção aos problemas relativos ao esquecimento do passado e a necessidade de instaurar um registro estético, de escrever uma história traumática da guerra, já estavam presentes. Margarida Calafate Ribeiro, no consistente livro *Uma história de regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo* (Edições Afrontamento, 2004), proporciona uma cartografia a contrapelo fundamentada em sólida base historiográfica e literária acerca da condição portuguesa que, como é sabido, deixou há tempos de ser contemporânea do futuro que ajudara a tecer na Idade Moderna. Roberto Vecchi, em uma produção mais recente, *Exceção Atlântica. Pensar a Literatura da Guerra Colonial* (Edições Afrontamento, 2010) retoma a visão de Portugal como insólita exceção atlântica, expressão cunhada por Eduardo Lourenço, para questionar, entre outras preocupações, como a literatura da Guerra Colonial tornou-se um potente modo de refletir sobre as muitas representações desse país que fora um dia cantado como o “rosto” da Europa. No quadro teórico de referências, as figuras de Walter Benjamin e do compatriota Giorgio Agamben são fundamentais. É do pensador de *Homo sacer* a definição de *exceção* e de *exemplo*, chaves de leitura pelas quais Vecchi tentar apreender os movimentos que Portugal realizou ao longo da história e ajudam-no a colocar sob suspeita o lusotropicalismo, dispositivo que facilita o deslize da norma à exceção.

Os livros aqui citados parecem, assim, ir muito além da conhecida rubrica acadêmica intitulada *Post Conflict Cultures*. Em especial a antologia. Nela encontramos a força melancólica da rememoração (*Eingedenken*), uma memória crítica, um coro de lamentação que escapa dos discursos oficiais, conforme denomina Walter Benjamin. Através de dezenas de vozes, de enunciações heterogêneas, percebemos o questionamento da lusofonia, da multirracionalidade e pluricontinentalidade. Os poemas reunidos interrogam, como pontualmente assinalam os organizadores, o ensaio clássico de Paul Fussell de que a poesia de guerra está diretamente ligada à experiência bélica. Poetas que olhavam para África a partir do cais de Lisboa convivem lado a lado com os poetas das trincheiras, que escreviam em um papel qualquer em condições de limiar, entre a vida e a morte. Integrantes da *Poesia 61*, que renunciaram o fim da identidade nacional ligada à noção de império, encontram-se também emparelhados a um surpreendente Cancioneiro popular, totalmente apartado da dicção erudita.

Sabe-se que Portugal possui uma singular, longa e tortuosa tradição no gesto de compilação, que antecede, e muito, a legitimação da literatura na Idade Moderna. Os Cancioneiros de Alcobaça, da Biblioteca Nacional e de Ajuda não só nos remetem à importância de determinantes históricos na ação de inserção e exclusão de vozes autorais, como também suscitam agudas questões relativas à manutenção de textos em desacordo com o poder vigente de determinado período. A equilibrada *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial* avança nesses obstáculos ao recuperar, materialmente, poemas que foram publicados em precárias edições de autor, que possivelmente não resistiriam à passagem do tempo. Indistintamente seleciona outros, que foram sofisticadamente incorporados em edições já consagradas, como o caso de *D’este viver aqui neste papel descripto*, de António Lobo Antunes.

No vasto e heterogêneo “manancial poético”, como chamam os autores o *corpus* dessa obra, o mar é cantado como “mar coveiro” e “mar de neblina”. Nessa guerra sem

sentido, imagens de navios, barcos, partidas, adeus, sombras, lágrimas, cartas, comas, natal, medo, estrela, sangue, saudade, avião, cais, fuzil, mãe, acácias, combate, presença, crepúsculo, sonho, ausência pululam em poemas escritos em estado de urgência, de risco e de trauma. O gesto contemporâneo de conservar essa poesia e transmitir a experiência, reafirma não a tarefa de elaborar um livro onde a guerra é a musa, mas, sim, a de abrir esteira para uma memória poética da guerra, capaz de fazer ecoar versos esquecidos, como estes de Liberto Cruz em “Um sargento lateiro...”: “a gente nesta guerra nem dá nem leva./ Só se enterra.”²



REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto. (Org.). *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*. Porto: Edições Afrontamento, 2011. 646 p.

² RIBEIRO; VECCHI. *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*, p. 495.

